

Jung e seu relacionamento com a religião*

Jung and his relationship with religion

Marcel Henrique Rodrigues¹

¹ Graduando de Psicologia no Centro Universitário Salesiano de São Paulo- UNISAL. E-mail: marcel_symbols@hotmail.com

ABSTRACT: Jung is no doubt one of the most influential and controversial figures of the twentieth century. His passion for the study of the human mind came up to Sigmund Freud, then as reference by his studies around the Unconscious. From that friendship is the first divergences that arise, especially in the field of religion. Freud and Jung always argued over the religious phenomenon, and the father of psychoanalysis assumes a critical stance towards religiosity, however Jung in turn, disagrees with Freud, and argues that religion is a necessary phenomenon that should be broadly studied, of this divergence, among others, the rupture of friendship occurs. This article aims to bring to the reader how important it is study the life of an author to understand their studies, in this case, we use the figure of Jung, but also, we could use the figure of Freud. As investigative method, we use the literature of authors who have studied much about the subject, beyond the studies in their entirety from the writings of Freud and Jung.

Keywords: Psychoanalysis, Jung, Religion, Biography

RESUMO: Jung é, sem dúvidas, uma das figuras mais influentes e controvertidas do século XX. Sua paixão pelo estudo da mente humana o aproximou de Sigmund Freud, referência na época pelos seus estudos em torno do Inconsciente. Mas, logo surgem as primeiras divergências entre eles, sobretudo no campo da religião. Freud e Jung sempre discutiram sobre o fenômeno religioso, sendo que, o pai da Psicanálise assume uma postura crítica perante a religiosidade, já Jung, por sua vez, discorda de Freud, e argumenta que a religião é um fenômeno necessário e que deve ser amplamente estudado. Desta divergência, entre outras, ocorre a ruptura da amizade. Este artigo tem como objetivo levar ao leitor o quão importante é estudar a vida de um autor para compreender seus estudos, neste caso, utilizamos a figura de Jung, como também,

* Pesquisa realizada com o suporte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq.

poderíamos utilizar a figura de Freud. Como método investigativo, utilizou-se o levantamento bibliográfico de autores que estudaram sobre a temática, além dos estudos na íntegra dos escritos de Freud e Jung.

Palavras Chave: Psicanálise, Jung, Religião, Biografia

INTRODUÇÃO

É bem provável que não exista tema mais controverso para ser discutido nos meios científicos e acadêmicos do que a religião. É amplamente conhecido o preconceito que existe por trás do tema. Diversas comunidades acadêmicas preferem deixar o assunto de lado, considerando-o como tema relativo a crenças e motivos supérfluos e que nada tem a ver com Ciência. Por si só, estas características legitimam o estudo da religião sob a ótica científica.

Com a consciência da existência do preconceito por parte do universo acadêmico no que concerne aos estudos do assunto, é que esta investigação foi se formando, com o intuito de pesquisar, ao menos em parte, a importância e a abrangência que o tema da religião possui para os meios científicos, abordando um dos maiores nomes do século XX Carl Gustav Jung.

Quanto ao campo científico, decidiu-se por delimitá-lo a uma das escolas da Psicologia que mais se destacou, ao menos nos seus primórdios, no embate entre ciência e religião, a famosa escola da Psicanálise. Sobretudo com seu fundador, Sigmund Freud e seu discípulo e dissidente Carl Gustav Jung, que muito divergiram sobre tal temática. Fato este que ocasionou a ruptura entre estes dois estudiosos da mente humana.

Começaremos nossa investigação com alguns apontamentos sobre o nascimento da Psicanálise e o confronto com a religião. Tal tema, como se verá, tem a figura predominante de Sigmund Freud, que, com seus meios estritamente científicos, inaugurou uma nova escola dentro da Psicologia, a Psicanálise. Tal confronto se deve ao ateísmo de Freud, porém, um ateísmo justificado pelos estudiosos atuais que julgam que a Psicanálise jamais teria nascido se Freud permanecesse favorável ao credo e aos preceitos religiosos.

Na contramão do ateísmo freudiano, surge a figura do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, que, entusiasmado pelas novidades da terapêutica de Freud, vai a Viena e acaba por iniciar uma profunda amizade entre ele e o experiente fundador da Psicanálise. No entanto, como será analisada, tal amizade, que muito deveria contribuir para o enriquecimento do movimento psicanalítico, acaba sendo quebrada por muitos motivos intelectuais e de opinião, sendo o principal deles a questão da religião.

Longe de fazer apologia das opiniões freudianas e/ou junguianas, esta investigação decidiu buscar na biografia de Jung acontecimentos marcantes que o levaram a considerar a religião como tema principal de suas pesquisas, o que, conseqüentemente o distanciou de Freud.

O NASCIMENTO DA PSICANÁLISE E O CONFRONTO COM A RELIGIÃO

Neste item é proposta uma investigação do movimento psicanalítico, destacando o seu confronto com o sistema religioso.

Gay (1992) argumenta que Freud, o fundador da Psicanálise, viveu na Europa do século XIX e XX, época do apogeu do pensamento científico. O autor indica que Freud iniciou seus estudos em Medicina, na universidade de Viena, onde proliferava o pensamento racional e científico. O jovem Freud teve como mestres grandes fisiologistas, filósofos e outros eruditos, que proclamavam a supremacia da razão e do pensamento científico sobre o antigo e “falido” sistema religioso.

Gay (1992) indica que na universidade de Viena, na época da graduação de Freud, o ambiente era de total hostilidade à religião, a ponto de se proclamar uma “guerra” entre ambas as partes:

Biólogos, pedagogos, jornalistas, políticos, todos eles estavam profundamente engajados nessa guerra. Para onde quer que o historiador olhe, ele descobre controvérsias sobre a natureza de Deus e o poder das igrejas durante as décadas em que Freud crescia, entrava para a universidade, estabelecia-se como médico, e desenvolvia a psicanálise. (GAY, 1992, p. 25).

Zilles (2009) argumenta que o ambiente científico-naturalista, que reinava na universidade de Viena, foi um fator fundamental para o ateísmo de Freud, o futuro fundador da Psicanálise:

Freud estudou medicina numa época em que, nas universidades, reinava o clima em que a ciência natural era vista como única solução para todos os problemas. Freud acreditava na ciência como seu mestre, o fisiologista Ernst Brucke, a apresentava. Para ele, a fé na ciência significava a transição para o ateísmo. Durante anos ocupou-se com a neurologia. Daí passou a estudar as neuroses. (ZILLES, 2009, p. 137).

Wondracek *et al* (2003), ressaltam que Freud desenvolveu a Psicanálise dentro de um ambiente marcado pela crítica racional científica e pela cultura europeia conservadora e, no caso de Freud, pela cultura judaica. Assim, Freud cresceu em um ambiente em que assimilou a cultura judaica, europeia, científica e cética.

Dolto (2010) explica que Freud nasceu em um ambiente familiar bem religioso. Embora a família não seguisse todos os preceitos do Judaísmo, os Freud sempre conviveram com a tradição religiosa. Quando Sigmund Freud entrou para a universidade de Viena, encontrou um ambiente muito diferente de sua casa, um ambiente em que o científico, o racional e o empírico-positivista eram os maiores bens. Ou seja, o ambiente acadêmico era de cunho ateu.

Angerami *et al* (2008) abordam que o ambiente acadêmico ateu em que Freud estudara já estava formado há muito tempo, sobretudo na Europa. Com efeito, para Angerami *et al* (2008), a humanidade sempre conviveu com cientistas que desacreditaram de Deus ou das religiões, para formar novas teorias e descobrir verdades até então encobertas pelo dogmatismo religioso.

Desde os pré-socráticos, o homem tem se questionado sobre a existência de Deus e as descobertas científicas, nascendo assim um milenar embate entre ciência e religião.

Gay (1992) argumenta que Freud recebeu sua educação nos moldes iluministas, em que a rejeição, ou a diminuição da “força” de Deus, era elemento importante. O presente autor concebe a Freud o título de o “último cavaleiro iluminista”.

Zilles (2009) aponta que nem toda a formação de Freud foi de cunho ateu. O pai da Psicanálise assistiu a muitas aulas do filósofo Franz Brentano, que discursava sobre as possibilidades de se fazer Ciência sem desacreditar da existência de Deus. Brentano considerava que a ciência e a religião poderiam caminhar juntas.

Gay (1992) concorda com Zilles (2009) e revela que Freud teve grande respeito por Brentano e suas lições o fizeram refletir sobre as crenças no materialismo e no cientificismo ateu, mas suas convicções ateístas e a crença na incompatibilidade entre ciência e religião sobressaíram-se. Assim relata o autor:

Tendo sido capaz de escapar à barreira de respeitáveis argumentos que Brentano despejou sobre ele, Freud retornou a seu ateísmo e ali permaneceu para o resto da vida. “Nem em minha vida privada nem em meus escritos” disse ele um ano antes de morrer, “jamais fiz segredo de minha absoluta falta de fé”. (GAY, 1992, p. 52).

Por fim, nota-se que o ambiente acadêmico com que Freud conviveu era de cunho ateu. E isto fora profundamente importante para sua descrença em Deus. Até o presente

parágrafo, foram expostos os alicerces de seu ateísmo, mediante sua formação acadêmica e a influência de seus mestres da universidade de Viena.

Outro ponto importante, e que merece uma apurada investigação, versa sobre sua longa amizade com o médico e psiquiatra Carl Gustav Jung. Amizade esta, marcada por divergências intelectuais e ideológicas, que acabaram levando-os ao rompimento.

FREUD E JUNG: DA AMIZADE AO ROMPIMENTO

Para a continuidade deste trabalho, faz-se necessária a investigação do relacionamento entre duas figuras fundamentais do movimento psicanalítico: Freud e Jung.

Tem-se, à priori, o conhecimento da longa amizade, seguida pela separação entre estes dois estudiosos. A partir desta premissa, esta pesquisa visa à busca pelo entendimento de quais foram as reais divergências e o que estes dois eruditos têm a dizer sobre a religião.

Silveira (1976) comenta que, assim como Freud, Jung também se formou em Medicina e se deparou com inúmeros casos de doenças, que não tinham explicação orgânica e biológica. Com esta premissa, o jovem médico entra em contato com as obras de Freud e, em 1907, trava um contato pessoal com Sigmund. O primeiro encontro durou cerca de treze horas de uma amigável conversação.

Palmer (2001) complementa o argumento de Silveira (1976), acrescentando que o relacionamento entre Freud e Jung foi extremamente amistoso, comparado mesmo a uma relação simbiótica entre pai e filho: “De início, Freud considerou Jung não só seu discípulo mais bem dotado como também o mais importante, seu príncipe coroado, o homem destinado a levar sua obra adiante no futuro. Como Freud costumava dizer, Jung era Josué para o seu Moisés” (PALMER, 2001, p. 118).

Burke (2010) argumenta que o temperamento amável e gentil de Jung fez com que Freud o considerasse como um verdadeiro filho, e o continuador da Psicanálise. Ambos tinham gostos em comum, sobretudo por Arte, Arqueologia e História. Assim, suas discussões não tratavam somente da prática psicanalítica, mas também sobre mitologia e Arqueologia, entre outros ramos do conhecimento.

Sobre a vida de Jung, sabe-se que seus pais eram frios e distantes. O pai era pastor protestante e muito autoritário; já sua mãe sofria de visões alucinatórias, que a mesma julgava serem presságios. Assim, todo esse ambiente favoreceu para que Jung tivesse interesse pela religiosidade e pela Psicologia da Religião.

Silveira (1976) mostra que a amizade entre Freud e Jung fora muito importante para a carreira científica de Jung. Durante anos de amizade, Jung procurava não contestar seu mestre, com medo de desapontá-lo e de perder a grande amizade. As opiniões entre os dois no quesito religiosidade divergiam muito, No entanto, ambos não possuíam uma opinião totalmente formada sobre o assunto e tinham quase nenhum escrito sobre o tema.

Campbell (2009) argumenta que, quando começaram os debates sobre religiosidade, ambos chegaram à conclusão de que os mitos se originam no inconsciente e se manifestam, com sua linguagem simbólica, por meio dos sonhos.

Gay (1992) afirma que Freud estava muito preocupado com a neurose, uma doença que muito afetava a sociedade e que não possuía uma explicação científica por parte dos médicos, o que causava preconceito e a desvalorização desses doentes. Após anos de estudos, pesquisa e conversas com esses pacientes neuróticos, Freud (2006) trouxe à luz a questão do Inconsciente, que seria um local de nossa psique que contém todos os nossos instintos e lembranças que, muitas vezes, causam mal-estar e desconforto à consciência e, por isso, precisam ser reprimidos para o Inconsciente.

Palmer (2001) lembra que todas essas novas teorias de Freud surgiram em uma época em que o conservadorismo social estava em alta. A Europa vivia o fim do século XIX, as conversas sobre sexualidade eram consideradas um grande tabu e totalmente inadequadas para a época. Assim, Freud rompe com esses preconceitos e teoriza sobre a busca do prazer instintivo ao homem e, influenciado pelas ideias de Darwin, apresenta-o como um animal que possui cultura.

Freud (2006) teorizou que a energia psíquica existente entre consciente e Inconsciente é denominada de libido. Sendo assim, a libido faz com que o sujeito busque o prazer, ou a satisfação de seus desejos instintivos, mas, quando tal desejo não é atendido, o mal-estar pela não satisfação é reprimido pelo Inconsciente.

Em termos gerais, Freud (2006) coloca o homem em uma posição nada confortável para a época, pois rompe com as barreiras sociais e mostra um indivíduo que busca a auto satisfação sendo detentor de instintos semelhantes aos dos animais irracionais.

Fuks (2000) menciona que tais teorias causaram grande repercussão em Viena, mas Freud enfrentou a não aceitação dos médicos da cidade e acabou sendo taxado de lunático. Assim, entrou em profundo isolamento, encontrando apoio de seus amigos e futuros seguidores, que fundaram a Psicanálise.

Como mencionou Burke (2010), entre esses amigos estava o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, que se tornara grande amigo e discípulo de Freud. A autora esclarece que a

amizade entre os dois se dera por meio de encontros pessoais e de centenas de cartas trocadas por vários anos. É importante lembrar que tal relacionamento ultrapassava o cunho profissional e científico, o que fez com que nascesse uma grande amizade, na qual Freud considerava Jung como um filho querido, chegando a chamá-lo de “Josué para o seu Moisés”.

Silveira (1976) aponta que, de 1907 a 1912, a colaboração entre Freud e o psiquiatra suíço foi intensa. Jung dedicou-se ao estudo do Inconsciente e “curvou-se” perante as teorias de Freud, sobretudo acerca da libido como energia psíquica e sexual. No início, Jung se submeteu ao entendimento e aceitação total das teorias de Freud, sem as questionar. Porém, isso mudaria com o passar dos anos.

Após longo tempo de amizade e uma farta produção científica realizada, a amizade entre Freud e Jung chega ao seu final. Autores como Palmer (2001), Silveira (1976) e Campbell (2009) revelam que a amizade entre estes dois cientistas foi muito fecunda e importante para a Psicanálise. Por um lado, Freud pôde afirmar-se com sua teoria sexual e, por outro, Jung pôde aprender muito com ele sobre o trabalho psicanalítico, expandindo-o para ambientes não judaicos.

Fuks (2000) explica um dos motivos pelo qual Freud escolheu Jung para, até então, ser seu sucessor. Como é sabido, Jung era suíço e filho de pais protestantes, o que não ocorria com Freud, que era judeu, e seu meio social e intelectual era formado por uma maioria de descendência judaica. Tanto que no início a Psicanálise fora chamada, por grande parte da sociedade, de “Ciência Judaica”. Tais preconceitos preocupavam Freud ao ponto de pensar que a Psicanálise pudesse ficar limitada ao mundo judaico, ou que seria apenas uma verdade para os judeus.

Fuks (2000) mostra que o interesse de Jung, um suíço protestante, pela Psicanálise, fez com que Freud muito se alegrasse, pois percebia que seus estudos não se restringiam somente aos judeus.

Esta preocupação é evidenciada em uma carta para Abraham, um de seus amigos e seguidores do meio judaico, que o questiona sobre os desvios das teorias de Jung:

Seja tolerante e não se esqueça de que, para falar a verdade, é mais fácil para você do que para Jung seguir minhas idéias porque, em primeiro lugar, você é inteiramente independente, e também porque está mais próximo de minha constituição intelectual devido ao parentesco racial; ao passo que ele, como cristão e filho de pastor, só pode chegar até mim lutando contra grandes resistências interiores. Por isso sua adesão é muito valiosa. Eu quase diria que somente com o aparecimento dele a psicanálise escapou do perigo de tornar-se uma questão nacional judaica. (Freud *apud* FUKS, 2000, p. 37).

Quanto às histórias em torno da religião, de modo geral, existiam divergências entre Freud e Jung. Em termos gerais, Freud (1976) considerava a religiosidade como uma neurose obsessiva universal, da qual o ser humano deveria livrar-se de qualquer maneira. Para Freud, o cientificismo superaria a religião.

Palmer (2001) mostra que a atitude de Freud perante a sexualidade humana muito impressionou Jung, que, no início, por conta de sua falta de experiência clínica e sua recente entrada no círculo psicanalítico, havia aderido totalmente, muito influenciado pelo respeito e amizade para com ele.

Burke (2010) relata que a amizade entre os dois começa a declinar no ponto em que Jung, interessado pelos mitos e pela espiritualidade humana, não concorda com Freud quando este teoriza que a religião é fruto de uma neurose obsessiva universal. O mal-estar toma então conta de Jung, que teme expor suas teorias divergentes no que tratava do aspecto da religiosidade, considerando que isto romperia com a amizade:

Profundamente envolvido com os mitos, o senso espiritual de Jung tinha se intensificado e ele estava tendo “as maravilhosas visões, relances de interconexões abrangentes”. Freud ficou intrigado e encantado, embora tenha lembrado a Jung que “a base fundamental para a religião é o desamparo infantil”. Ele queria ouvir mais sobre as investigações de Jung, especialmente porque, desde o retorno da América, “alguma coisa me tem desviado de meu trabalho nesses campos”. Estava Jung ocupando o território que antes pertencera a Freud? Jung estava enfrentando uma intensa jornada interior, semelhante àquela enfrentada por Freud após a morte de seu pai, que o conduziu à auto-análise e à interpretação dos sonhos. Mas Jung não partilhava integralmente suas pesquisas com Freud. Sentia-se temeroso demais em relação à reação de seu mentor. Enquanto isso estava trabalhando num ritmo alucinado. Freud o persuadira a se tornar presidente da Associação Psicanalítica Internacional, assim como editar um anuário dedicado à psicanálise. Nesse último Jung publicou os frutos de seus trabalhos *Wandlungen und Symbole der Libido* (Símbolos de Transformação), em duas partes, em 1911 e 1912. (BURKE, 2010, p. 282-283).

Como analisou Burke (2010), as divergências entre Freud e Jung têm o seu cerne na religião. É esta obra, Símbolos da Transformação, que marca a ruptura definitiva entre os dois intelectuais. Nela, o autor expõe suas ideias, ainda não amadurecidas, sobre a possível existência de um Inconsciente Coletivo e a importância dos estudos acerca da mitologia e da religião. Porém a mencionada obra não agrada Freud.

Assim, a amizade entre os dois amigos de profissão vai cada vez mais se deteriorando. Jung continua na Suíça, temendo pelo eminente fim deste relacionamento que, para ele, foi extremamente proveitoso. No entanto, já havia claros indícios de que cada um seguiria por caminhos diferentes. Jung lamentava profundamente não conseguir expor suas teorias sem que Freud o reprovasse imediatamente.

Burke (2010) relata que as investidas de Jung para a publicação de *Símbolos da Transformação* fizeram com que Freud também se pronunciasse a respeito da questão das religiões:

Pouco depois de a primeira parte de *Símbolos* ter sido publicada, Freud anunciou que “meu trabalho nessas últimas semanas lidou com o mesmo tema que o seu: a origem da religião”. Ele havia começado a escrever *Totem e Tabu*. Ciente de como Jung ficaria ansioso com o desenvolvimento da obra, Freud lhe garantiu que “provavelmente meus túneis serão muito mais subterrâneos do que seus poços, e deveremos nos cruzar”. Mas aquilo não deixou Jung totalmente apaziguado, e ele disse para Freud: “O panorama para mim é muito sombrio se você também ingressar na psicologia da religião. Você é um rival perigoso – se for para falar de rivalidade”. (BURKE, 2010, p. 283).

Neste trecho fica evidente que as disputas entre os dois estudiosos tiveram como pano de fundo a questão da religiosidade. É claro que as divergências das teorias foram as principais justificativas do rompimento, mas é inegável que a questão da religião e dos interesses de Jung por um estudo sério, sem preconceitos, para com a religião e seus símbolos, fizeram com que Freud não visse esses elementos com bons olhos. Não que Freud tivesse opiniões preconcebidas sobre a religião, mas seus estudos, como se verá, afirmam a religião como uma patologia universal humana, do que Jung discordava veementemente.

Após a publicação da polêmica obra de Jung, as relações entre os dois estavam completamente estremecidas. Jung (2006) relata que já não era possível manter um diálogo com Freud.

A RELIGIÃO NA VIDA DE JUNG

A presença da religiosidade na vida de Jung é tão notada quanto na vida de Freud. Jung nasceu na Suíça, em 1875, na cidade de Kesswil, onde seu pai, Paul Jung, exercia as funções de pastor protestante. Nota-se, assim, que a religião seria assunto presente durante toda sua vida, considerada a própria profissão de seu pai. Quanto a sua mãe, pouco se sabe. Em sua obra *“Memória Sonhos e Reflexões”* Jung (2006) conta que sua mãe sofria de alguns distúrbios emocionais e que sempre estava sob cuidados médicos.

Voltando à questão da religiosidade, o jovem Jung sempre acompanhou seu pai à igreja em que pregava para uma pequena população. Jung (2006) relata que, desde bem pequeno, já se questionava sobre a fé de seu pai e sobre a fé das pessoas que frequentavam o culto. Foi neste ponto que se iniciou uma fase crítica no pequeno Jung que, recebendo lições diárias sobre

religião e tendo como professor o seu próprio pai, começou a notar que as lições ministradas versavam somente sobre o que estava escrito na bíblia ou em um caderno de anotações, não cabendo questionamentos, pois seu pai não possuía conhecimentos teológicos suficientes para responder. Um caso curioso relatado por Jung (2006), que muito o impressionou, foi quando pediu a seu pai maiores esclarecimentos sobre a Trindade cristã. O pai, com muita paciência, lhe disse que a Trindade parecia-lhe muito interessante, mas que nada sabia e nada entendia a respeito.

Silveira (1976) argumenta que Jung nunca escondeu a decepção que sentia para com seu pai:

Desde muito cedo, ele viu no pastor o homem estagnado, numa condição medíocre, a quem faltaram forças para seguir sua linha própria de desenvolvimento; o homem que não enfrentava as dúvidas religiosas que o atormentavam, segundo parecia ao filho. O pastor temia as experiências religiosas imediatas, agarrava-se à fé, amparava-se na Bíblia e nos dogmas. Jung nunca poderia aceitar tal atitude. (SILVEIRA, 1976, p. 12).

Jung viveu sua infância e juventude se questionando sobre a religiosidade do pai e dos fiéis que frequentavam a comunidade para a qual pregava - teve dúvidas sobre a existência ou não de Deus. Porém, aprendeu desde cedo, com seu pai, a orar e a meditar.

Dyer (2003) assinala que a questão da religião e da fé sempre esteve presente na vida de Jung, a tal ponto que, quando jovem, o futuro explorador da psique era surpreendido por uma série de visões fantásticas. Eis uma delas:

Quando Jung estava admirando a bela catedral de Basel em seu caminho da escola para casa, refletindo sobre a beleza do mundo e como “Deus fez tudo isso e está sentado lá no alto, no céu azul, em um trono dourado”, quando teve a sensação de choque. Passou dois dias e noites em torturas absolutas e em profunda angústia sobre a existência ou não de Deus.

Então, incapaz de resistir mais, o jovem Jung deixou vir o pensamento, vendo Deus sentado no trono de ouro, acima do mundo - e de sob o trono “um enorme cocô caía sobre o brilhante telhado novo e quebrava as paredes da catedral em pedacinhos”.

Depois disso, ele sentiu um imenso alívio, porque em vez de uma danação esperada, “a graça viera sobre mim”. Como conseqüência dessa revelação, ele pesquisou na biblioteca de seu pai, lendo o que pudesse encontrar sobre Deus, doutrinas e espírito. (DYER, 2002, p. 52).

Diante de todos esses acontecimentos, o jovem Jung se interessou profundamente pela espiritualidade e iniciou seus estudos sobre religiões desde muito cedo. Passado algum tempo, e após anos de introspecção acerca de Deus e da religiosidade, Jung rompe com a igreja.

Atraído pela Arqueologia e Filosofia, acaba escolhendo o curso de Medicina e focando-se na área da Psiquiatria. Jung (2006) conta que, na época da faculdade, pôde entrar em contato com o problema religioso, com o ateísmo de seus mestres professores e a conclusão de que não

se pode provar a existência de Deus. Porém, nunca deixou de se interessar pelo assunto, tanto que sua dissertação acadêmica teve como título “Sobre a Psicologia e a Patologia dos Chamados Fenômenos Ocultos”, o que comprova seu real interesse pela espiritualidade, religiões entre outras coisas.

Palmer (2001) conta que Jung, durante os anos de estudo universitário, muito se surpreendeu com o descaso para com os pacientes com doenças psiquiátricas, algo análogo ao que ocorreu com Freud. Portanto, apresentou disposição para ingressar no ramo da Psiquiatria e introduzir um tratamento mais humano a estes doentes e conciliar com esta disposição, seu interesse nos estudos sobre a importância da espiritualidade, mesmo dentro do campo da Medicina. Iniciou, portanto, seu trabalho num hospital psiquiátrico de Zurique chamado Burgholzi, sob a diretoria do Dr. Bleuler.

Neste período de trabalho no hospital psiquiátrico, Jung entrou em contato com as obras de Freud, iniciando uma carreira ao lado do pai da Psicanálise, assunto este já tratado anteriormente. Como lembra Bryant (1996), Jung permaneceu fiel em seus interesses de estudo, a sua vontade incansável de descobrir o significado da crença e a realidade da fé. Tudo isso fez com que seu interesse por psicologia e religião, ainda antes de descobrir a Psicanálise, fosse intenso. Mesmo durante seu contato com Freud que, como dito, era avesso à religiosidade, Jung permaneceu estudando sobre mitos, símbolos e religião, tal como fazia Freud, mas com enfoques e teorias fortemente divergentes das suas. Todo esse interesse apresentado por Jung pelos estudos religiosos e mitológicos fez que ele se distanciasse cada vez mais de Freud e da teoria psicanalítica em nome de sanar as dúvidas que carregava desde criança sobre a problemática de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode falar da figura de Jung sem citar a figura de Freud. Por isso, quase toda a investigação girou em torno destas duas personalidades. Embora Freud tenha postulado uma aversão à religião, ele via com bons olhos aqueles que estudavam a temática. Ele mesmo dedicou parte de sua vida científica ao estudo da religiosidade, embora com uma óptica bem diferente à óptica de Jung. Sigmund Freud, sem sombra de dúvidas, foi uma figura importantíssima para a vida acadêmica e reconhecimento mundial da figura de Carl Jung.

Como analisado, Jung (2006) considerava a religião com grande admiração e considerava-a motivo de estudo. Estudos estes que lhe conferiam uma opinião mais positiva,

enaltecendo a idéia de que o homem por si só é religioso - divergindo de Freud (1976), que tinha a religião como uma neurose obsessiva coletiva e um resquício infantil do enaltecimento da figura paterna. Se Freud reconhecia a importância do estudo desta temática, ao mesmo tempo, possuía uma ótica negativa em relação às crenças, e acreditava na superação da religião pela ciência. Portanto, uma das principais divergências entre estes dois estudiosos fora, indubitavelmente, em torno da religião.

Assim como Freud, Jung teve sua vida, sobretudo sua infância, permeada por significativos eventos religiosos, que o marcaram por toda sua vida. Sua mãe que tinha “visões fantasmagóricas”, seu pai, um pastor protestante alienado da própria religião. Jung conviveu em um ambiente bastante contraditório em relação à espiritualidade, mas que foi determinante para suas investigações e interesses em torno da temática, o que de fato, tornou-se o centro de seus estudos. Não é difícil encontrar em seus escritos exemplos tirados da mitologia, dos símbolos e das religiões. Essa excessiva necessidade de exemplificar casos clínicos com mitos, símbolos e até mesmo casos tirados do esoterismo, rendeu-lhe a suspeita de que fosse um pseudo-cientista ou místico com ar acadêmico.

Não se pode negar que as obras de Jung são excessivamente densas. Muitos de seus escritos estão envolvidos por uma roupagem exacerbada de misticismo e exemplos de crenças religiosas orientais e ocidentais. Porém, se o leitor for familiarizado com a história de vida do autor e possuir conhecimento de símbolos e história das religiões, verá que o autor somente deseja expressar material empírico encontrado em estudos sobre a religiosidade e que, em momento algum, postulou crença particular, agnosticismo ou ateísmo. Jung transforma-se assim, em um dos autores mais enigmáticos e surpreendentes de todos os tempos, e que influencia diversas áreas de estudo como, por exemplo, a Antropologia e a Ciência das Religiões.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI, Valdemar et al. **Psicologia e Religião**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

BRYANT, Christopher. **Jung e o Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 1996.

BURKE, Janine. **Deuses de Freud: A Coleção de Arte do Pai da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

DOLTO, Françoise. **A Fé à Luz da Psicanálise**. Campinas: Versus, 2010.

DYER, Donald. **Pensamentos de Jung Sobre Deus**. São Paulo: Madras, 2003.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, O Mal Estar na Civilização e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **Freud: Obras Escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FUKS, Betty. **Freud e a Judeidade: A Vocação do Exílio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GAY, Peter. **Um Judeu Sem Deus**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

JUNG, Carl, Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

PALMER, Michael. **Freud e Jung: Sobre a Religião**. São Paulo: Loyola, 2001.

SILVEIRA, Nise. **Jung Vida e Obra**. Rio de Janeiro: Editor Paz e Terra, 1976.

WONDRACEK, Karin et al. **O Futuro e a Ilusão: Um embate com Freud sobre Psicanálise e Religião**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. São Paulo: Paulus, 2009.